



Homenagens e monumentos médicos: a criação de uma identidade de classe

João Gabriel Toledo Medeiros*

Resumo: O presente trabalho procura discutir a formação de uma identidade médica a partir dos monumentos e homenagens espalhados pela cidade de Porto Alegre. As homenagens/monumentos, assim como a escolha dos nomes e os discursos nas inaugurações são atos culturais, sociais e políticos que possuem um sentido e uma intenção, que devem ser problematizados e investigados. O intento principal desta comunicação é demonstrar e problematizar como, culturalmente, através da criação de homenagens/monumentos a médicos ilustres, a classe afirmou a sua identidade e memória frente à liberdade profissional, além de mostrar as possibilidades de pesquisa. O embate entre médicos graduados e a liberdade profissional defendida pelos positivistas, ideologia política que governou o Estado de 1890 a 1930 através do Partido Republicano Rio-grandense, tem sido correntemente discutido dentro da historiografia da medicina/saúde no Rio Grande do Sul. Dessa forma, a medicina gaúcha firmou seu posicionamento usando a cultura como um dos suportes para civilizar as práticas médicas, tendo a ciência e a habilitação como requisito primordial para seu exercício. Essas homenagens e monumentos estão espalhados pela cidade, inaugurados em momentos diferentes, o que reforça a ideia de que foram criados e expostos com um significado, com uma intenção, em um longo processo histórico.

Palavras-chave: Identidade; Medicina; Patrimônio; Homenagens e Monumentos.

Abstract: This text discusses the formation of a medical identity from the monuments and tributes throughout the city of Porto Alegre. The tributes/monuments as well as the choice of names and speeches at openings are cultural, social and political acts that have a meaning and intention which ought to be problematized and investigated. The main intent of this communication is to demonstrate and discuss how, culturally, by creating tributes/monuments to illustrious doctors, the medical class has asserted its identity and memory in relation to professional freedom, besides showing possibilities of research. The clash between medical graduate and professional freedom advocated by positivists - political ideology that ruled the

* Mestrando em História pela Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS), bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Centro de Memória da Associação Médica do Rio Grande do Sul (AMRIGS). Contato: joaogabrieltoledo@yahoo.com.br.



state from 1890 to 1930 across the Rio Grande Republican Party - has been commonly discussed within the historiography of medicine/health in Rio Grande do Sul. Thus, the gaucho medicine has signed its positioning using culture as one of the brackets to civilize medical practices, and science and qualification as a prime requirement for exercise. These tributes and monuments are scattered throughout the city, inaugurated at different times, which reinforces the idea that they were created and exposed to fulfill a meaning, with an intention, in a long historical process.

Keywords: Identity; Medicine; Heritage; Monuments and Tributes.

Espalhados pela cidade, em locais restritos ou públicos, em forma de placas, bustos, obeliscos e outras conforme a representação e a imaginação de quem os fizeram, os monumentos e homenagens constituem espaços culturais inseridos nas cidades.

Esse texto é o resultado de estudos realizados no curso de Mestrado em História na Universidade do Vale dos Sinos, na disciplina de Cultura, Memória e Patrimônio. Pretende-se discutir a formação de uma identidade da classe médica, tendo como objetos de estudo homenagens e monumentos. Muito além do que apresentar resultados, almeja-se lançar possibilidades para que se possa aprofundar esse estudo.

O diálogo realizado nessa disciplina esteve pautado em quatro grandes eixos: identidade, memória, cultura e patrimônio. Para este trabalho, as homenagens e monumentos enquanto produtos culturais são memórias, patrimônios e afirmam uma identidade de classe: a identidade médica.

Nesse sentido, dividimos esse trabalho em três partes: a identidade da classe médica; os monumentos/homenagens, sua cultura, memória e possibilidades; e as considerações finais.

A identidade da classe médica

A busca pelo pertencimento a um determinado segmento, seja ele institucional, profissional, geográfico ou cultural, faz parte da vida dos indivíduos inseridos na sociedade. Esse processo de inclusão e de sentir-se parte de algo é uma construção social que pode ser realizada de diversas maneiras.

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se



manter firma a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. (BAUMAN, 2005, p. 17)

Nesse sentido, as escolhas são fundamentais para que se forme esse sentimento de fazer parte, de sentir-se ser daquele determinado contexto. Entretanto, as identidades estão presentes em toda parte, e podem ser escolhidas, negociadas ou, até mesmo, impostas, por indivíduos mais exaltados (BAUMAN, 2005, p.19). Por essa visão, somos tomados de múltiplas identidades, cabendo a cada pessoa saber lidar com elas.

A identidade médica vem sendo correntemente discutida na historiografia da saúde e da medicina no Rio Grande do Sul. Destaco dois autores que trabalharam com essa questão e que perceberam a criação dessa identidade: a historiadora Beatriz Teixeira Weber (2010) e o historiador Felipe Vieira (2009)¹.

A discussão pautada na questão da construção do “ser médico”, até os dias atuais vem sendo legitimada e debatida. Atualmente, se discute a aprovação do Ato Médico, em que são fornecidos poderes legais para que somente médicos graduados possam exercer a prática de curar. Aqui, não se pretende esboçar qualquer opinião a respeito de tal discussão recente, apenas, a estamos colocando como exemplo de que essa é uma construção histórica que vem ocorrendo com o passar do tempo, e que está vinculada à identidade da classe médica.

No Rio Grande do Sul, esse processo de construção do ser médico ocorre entre o final do século XIX e o início do século XX, quando o socorro à saúde passou a ser hegemonia² de quem possuía graduação em medicina, posicionando-se como os únicos detentores do conhecimento legítimo do exercício da profissão. A identidade médica foi se construindo com passar do tempo, constituindo uma classe que tinha seus próprios interesses, através do Sindicato Médico, associações e outras entidades médicas (WEBER, 2010, p. 422-423).

No final do século XIX, contava-se com poucos médicos para atender à numerosa população como, por exemplo: “[...] Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, possuía cerca de 52.000 habitantes e 37 médicos em 1890” (WEBER, 2010, p.424). Por haver tão poucos médicos graduados, outras pessoas também exerciam as práticas de cura, fazendo com que houvesse um combate violento contra esses indivíduos por parte desses que detinham formação acadêmica.

Por conhecer as necessidades das mulheres, as parteiras eram um grupo que possuía um bom entendimento com a população. Seu maior reconhecimento era por parte da população

¹ Outros historiadores também trabalharam com a questão na historiografia gaúcha. Entretanto, a escolha destes dois ocorre pela abordagem que deram em suas pesquisas.

² Hegemonia pode ser entendida pela perspectiva de Antônio Gramsci.



feminina, pois elas “compartilhavam, portanto, a intimidade feminina, partilhando suas dificuldades, sendo companheiras e confidentes, e, por isso, mais aceitas do que os médicos no atendimento de seus problemas” (WEBER, 2010, p.425). Como forma de “controle”, os médicos organizaram no ano de 1897 um curso para essas parteiras. Após, organizaram-se e criaram a Faculdade de Medicina, formando os primeiros médicos do Rio Grande do Sul.

Esses médicos instalaram-se na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre e a transformaram, acompanhando o desenvolvimento que a sociedade Porto Alegrense vinha tendo. Alteraram a maneira de atuar dessa instituição que, até então, era somente de acolhimento, tornando-o um lugar para a prática “terapêutica”. O hospital passou a ser o local de aula da Faculdade de Medicina, adicionando pesquisas e novas técnicas, alterando as condições dele. Essa alteração só foi possível após 1915, quando os médicos passaram a gerir o hospital e se afirmaram, em 1919, quando regulamentaram o seu Serviço Sanitário, empregando uma nova política de higiene e uma nova forma de funcionamento, com base no conhecimento médico, preocupado com o tratamento das doenças. Dessa forma, os médicos se institucionalizaram e buscaram um lugar na política, como forma de impor as suas ideias e combater a liberdade profissional que o Governo Positivista pregava (WEBER, 2010, p. 425-426).

Esse modelo de atuação profissional do período, estava abalizado na Constituição do Estado, implementada no ano de 1892 pelo Governador Júlio de Castilhos, que seguia as orientações do Positivismo de Auguste Comte. A Constituição sancionada avalizava que as pessoas escolhessem a religião e a profissão que desejassem, sendo a segunda sem haver necessidade de nenhuma formação. A legislação dava o direito de praticar a medicina a qualquer pessoa que fizesse sua inscrição na Diretoria de Higiene e pagasse as taxas ao Estado. Nessa perspectiva, a exigência pela regulamentação da profissão foi constante por parte dos médicos, que atuavam através da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, sendo esse um dos principais meios de pressão ao governo do Estado (WEBER, 2010, p. 426).

Essa pressão ao governo do Estado, posteriormente, passou a ser exercida por outras entidades médicas, como por exemplo: a Sociedade de Medicina de Porto Alegre e o Sindicato Médico do Rio Grande do Sul. Segundo Felipe Vieira:

Em sua atuação, esse grupo de dirigentes sindicais – que tinham em comum a ligação com a Faculdade de Medicina e/ou a atuação na Santa Casa, além de outros vínculos de natureza social – pretendia ser o “representante da classe médica”, falando e agindo em seu nome. Através do sindicato, afirmavam que iriam defender os “interesses morais e materiais da classe”,



entre eles a extinção da “famigerada liberdade profissional” e a regulamentação da medicina. Para tal buscaram superar as divergências do passado em torno dessa questão, formando uma espécie de “frente única”. Ao mesmo tempo, esse grupo não admitia a inclusão dos médicos formados pela Escola Médico-Cirúrgica entre os profissionais habilitados. Também negaram a possibilidade de o sindicato “defender” seus interesses, quando essa escola estava sendo fechada. Dessa forma, a entidade sindical representava interesses determinados desse grupo, falando sempre “em nome” de uma “classe médica” unificada e coerente. Portanto, essa atuação pode ser entendida como “uma personificação de uma pessoa fictícia, de uma ficção social, que faz sair do estado de indivíduos separados os que ele pretende representar”. Assim, é a própria atuação dos “representantes da classe médica” que procura definir e instituir a “classe”, incluindo e excluindo indivíduos e grupos a partir de certos critérios. (VIEIRA, 2009, p. 69-70)

A construção dessa identidade médica, para Beatriz Weber (2010) e para Felipe Vieira (2009), ocorreu pela constituição de um sistema simbólico, conforme a teoria de Pierre Bourdieu³. Para além dessa análise que demonstrou a existência desse sistema e poder simbólico, afirmamos que os médicos também buscavam a distinção, pois não bastava apenas garantir que o exercício profissional fosse realizado por aqueles que possuísem graduação em medicina, eles precisavam se afirmar enquanto elite, o que justifica os monumentos e homenagens aos médicos. Conforme Bourdieu (2007, p. 9):

[...] a observação científica mostra que as necessidades culturais são o produto da educação: a pesquisa estabelece que todas as práticas culturais (frequência dos museus, concertos, exposições, leituras, etc.) e as preferências em matéria de literatura, pintura ou música, estão estreitamente associadas ao nível de instrução (avaliado pelo diploma escolar ou pelo número de anos de estudo) e, secundariamente, à origem social. [...] À hierarquia socialmente reconhecida das artes – e, no interior de cada uma delas -, dos gêneros, escolas ou épocas, corresponde a hierarquia social dos consumidores. Eis o que predispõe os gostos a funcionar como marcadores privilegiados da ‘classe’.

Adiante, Bourdieu (2007, p. 13) afirma que:

O gosto classifica aquele que procede à classificação: os sujeitos sociais distinguem-se pelas distinções que eles operam entre o belo e o feio, o distinto e o vulgar; por seu intermédio, exprime-se ou traduz-se a posição desses sujeitos nas classificações objetivas.

³ A teoria de Pierre Bourdieu (2001) a cerca do poder simbólico demonstra que os símbolos exercem um poder, sendo estes encadeados pelos sistemas simbólicos que possuem uma função política. Esses sistemas são criados pelos especialistas dentro do seu campo específico, estando estes a serviço da classe dominante. Para um maior entendimento ver e consultar a obra que consta nas referências.



Dessa forma, a partir do gosto e da inserção de monumentos e homenagens a médicos ilustres, esses profissionais buscaram distinguir-se, disseminando pelo meio cultural a ideia de que só através do conhecimento técnico-científico em medicina podia ser exercida a prática de cura.

Assim, “todo grupo profissional valoriza os comportamentos apropriados e reprime os demais a fim de produzir uma memória adequada à reprodução de saberes e fazeres e à manutenção de uma identidade da profissão” (CANDAU, 2011, p. 118). Dessa maneira, “se você fosse ou pretendesse ser outra coisa qualquer, as ‘instituições adequadas’ do Estado é que teriam a palavra final. Uma identidade não-certificada era uma fraude. Seu portador, um impostor – um vigarista” (BAUMAN, 2005, p.28). Neste caso, um curandeiro ou charlatão.

Os monumentos/homenagens: cultura, memória e possibilidades

A identidade médica foi construída com o tempo, e tinha como intenção distinguir os que passavam pela Universidade daqueles que, sem conhecimento algum – baseado no senso comum –, exerciam a prática de curar. Por ser construída, ela precisava demonstrar para a população quem eram os que realmente detinham o conhecimento para exercer a profissão. Um dos segmentos usados para isso foi a cultura que, através da criação de espaços destinados a perpetuar a memória de ilustres médicos de Porto Alegre, Rio Grande do Sul e do Brasil, serviriam de modelos e exemplos do exercício profissional. E ao “transmitir uma memória e fazer viver, assim, uma identidade não consiste, portanto, em apenas legar algo, e sim uma maneira de estar no mundo” (CANDAU, 2011, p. 118).

Estes monumentos/homenagens, espalhados por diversos locais, fazem parte do cotidiano⁴ da cidade, e se inserem no patrimônio de Porto Alegre, conforme a definição apresentada por Dominique Poulot:

O patrimônio define-se, ao mesmo tempo, pela realidade física de seus objetos, pelo valor estético – e, na maioria das vezes, documental, além de ilustrativo, inclusive de reconhecimento sentimental – que lhes atribui o saber comum, enfim, por um estatuto específico, legal ou administrativo. Ele depende da reflexão erudita e de uma vontade política, ambos os aspectos sancionados pela opinião pública: essa dupla relação é que lhe serve de suporte para uma representação da civilização, no cerne da interação complexa das sensibilidades relativamente ao passado, de suas diversas apropriações e da construção das identidades. (POULOT, 2009, p. 13)

⁴ Entende-se aqui cotidiano pela perspectiva de Michel de Certeau (1996, p. 31), que compreende o cotidiano como: o que é nos passado ou compartilhado no dia a dia, a partir de forças que nos oprimem. O conceito com maior aprofundamento deve ser consultado em sua obra, que está nas referências.



Enquanto patrimônio, os monumentos/homenagens foram cultivados com o passar do tempo. A cultura em “um dos seus significados originais é ‘lavoura’ ou ‘cultivo agrícola’, o cultivo do que cresce naturalmente” (EAGLETON, 2011, p. 9). Nessa perspectiva, ao perpetuarem culturalmente personagens ilustres – locais e nacionais – da medicina, “[...] cala ‘o resto’ porque se quer e se diz a origem de tudo. Uma interpretação teórica está, portanto, ligada ao poder de um grupo e à estrutura da sociedade onde ela conquistou esse lugar” (CERTEAU, 2001, p. 168). Portanto, a cultura e essas memórias marcam o poder conquistado, calando o curandeirismo e o charlatanismo.

O mapeamento destas homenagens foi realizado pelo Dr. Genaro Laitano, que reuniu em livro fotografias das peças, discursos e reportagens que foram feitos para o ato de inauguração. Na obra, constam 24 monumentos/homenagens, dispostos em diversos espaços da cidade. E, por continuarem a serem inaugurados novos espaços com homenagens, posterior ao lançamento do livro, o levantamento deste trabalho apontou para um total de 25. Na tabela a seguir, as obras estão colocadas pelo nome dos médicos, ano de inauguração e local de estabelecimento. Tabela 1 - Monumentos/Homenagens

Médico	Ano de Inauguração	Local
Dr. Aurélio de Lima Py	1930	Hospital São Francisco
Dr. Carlos Hofmeister	1979	Parque Moinhos de Vento
Dr. Décio Martins Costa	1966	Hospital Santo Antonio
Dr. Elyseu Paglioli	1979	Faculdade de Medicina UFRGS
Dr. Florêncio Ygartua	1942	Praça Júlio de Castilhos
Dr. Harri Valdir Graeff	1998	Associação Médica do Rio Grande do Sul
Dr. Heitor Annes Dias	1949	Parque Farroupilha
Dr. Heitor Cirne Lima	1994	Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre
Dr. Joaquim Murтинho	1952	Liga Homeopática do Rio Grande do Sul
Dr. José Faíbes Lubianca	1994	Logradouro José Faíbes Lubianca
Dr. Licío Cardoso	1952	Parque Farroupilha
Dr. Manoel José Pereira Filho	1943?	Hospital Parque Belém
Drs. Irmãos Marsiaj	1995	Praça Rotary - Parque Marinha do Brasil
Dr. Mario Rigatto	2001	Travessa Mario Rigatto
Dr. Mario Totta	1951	Praça Dom Feliciano
Dr. Oswaldo Cruz	1946?	Praça Oswaldo Cruz
Dr. Oscar Bernardo Pereira	2002	Hospital Parque Belém
Dr. Raul Franco Di Primio	1978	Hospital de Clínicas de Porto Alegre
Dr. Raul Pilla	1977	Praça Raul Pilla
Dr. Roberto Pinto Ribeiro	1990	Largo Roberto Pinto Ribeiro
Dr. Rubens Rodrigues	2003	Centro Cultural Instituto de Cardiologia



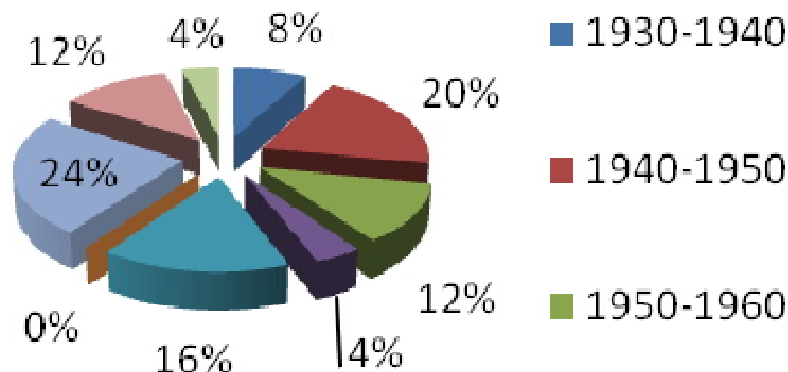
Dr. Rubens Maciel	2011?	Hospital de Clinicas de Porto Alegre
Dr. Samuel Hahnemann	1943	Parque Farroupilha
Dr. Sarmiento Leite	1934	Faculdade de Medicina UFRGS
Dr. Telmo Reis Ferreira	1996	Largo Prof. Telmo Reis Ferreira

Apurando estes dados por décadas, podemos constatar que houve inauguração em maior número em 1940, 70 e 90. As décadas em que foram pouca ou nenhuma obra inaugurada foram as de 1950, 1980 e 2010. A tabela e o gráfico abaixo demonstram claramente estes dados.

Tabela 2 – Inauguração e quantidade

Inauguração	Quantidade
1930-1940	2
1940-1950	5
1950-1960	3
1960-1970	1
1970-1980	4
1980-1990	0
1990-2000	6
2000-2010	3
2010- dias atuais	1
Total	25

Gráfico 1- Monumentos/homenagens



Se as tabelas e o gráfico apresentam resultados quantitativos para estas fontes, o mesmo poderia ser feito a partir de algumas classificações, como por exemplo: verificar a frequência de locais, iniciativa ou encomenda, artistas e, até mesmo, traçar uma rede de relações das pessoas que proferiram os discursos no ato de inauguração. Cada uma dessas informações pode revelar estratégias e até pontos de atuação na cidade como um ato pedagógico. Pois, como afirmam Chagas (2009) e Carvalho (1990), as obras exercem papel político e pedagógico, servindo como modelos a serem difundidos.

Outro exemplo do que se pode fazer com essas fontes é, a partir de um dos homenageados, achar indícios consonantes à teoria de Carlo Ginzburg (1987) e estabelecer um estudo de micro história. A partir desse olhar muitas descobertas acabam sendo reveladas, o personagem é apenas o início de uma complexa cadeia de relações e ações que, para determinados períodos, está além dos padrões sociais.

Outra possibilidade é fazer uma análise a partir da questão política desses médicos, buscar seus posicionamentos, suas atuações, e entender qual caminho percorreram para serem lembrados através do recurso da memória. Diversos métodos e teorias podem nortear uma pesquisa com essas fontes. No entanto, cabe aqui ressaltar que outras formas de memória médica também necessitam receber um olhar mais atento, como por exemplo, as ruas com nomes de médicos. Se as homenagens e monumentos marcam a identidade, a distinção, a cultura e a memória de uma classe que faz questão de não ser esquecida, os nomes de ruas



também são recursos para perpetuar o civilizado, criando e sedimentando dessa maneira um habitus⁵ na população, tal qual como diria Bourdieu (2007) e Nobeit Elias (1994; 1996).

Considerações finais

A construção de uma identidade de classe médica no Rio Grande do Sul vem sendo desenvolvida desde a Primeira República, quando o PRR (Partido Republicano Rio-grandense) assumiu o poder e tinha como orientação política o Positivismo de Auguste Comte.

A promulgação da Constituição Estadual, que permitia o exercício da prática de curar sem que houvesse a necessidade de formação acadêmica em medicina, fez com que esses médicos se articulassem e criassem meios para regulamentar e acabar com essas atuações irregulares por parte de charlatões e impostores.

Dessa forma, criaram sistemas simbólicos e uma maneira de se distinguirem, a fim de se afirmarem como os únicos detentores de tais saberes. Por esse motivo, criaram diversas formas para perpetuar a memória de ilustres colegas como exemplos a serem seguidos.

Esse fenômeno de memorializar personagens ainda é muito presente nos dias atuais. A discussão a respeito de quem pode e quem não pode exercer a medicina permanece recente, o que justifica e legitima a continuidade do ato de exemplificar qual modelo de profissional médico deve atuar no tratamento das enfermidades. Enquanto elite, esse grupo profissional exerce influência na sociedade, marcando sua posição enquanto classe. Um dos exemplos recente, além do Ato Médico é a solicitação de que médicos vindos do exterior prestem um exame de revalidação de diploma, assegurando que seus conhecimentos estejam de acordo com a formação oferecida nas universidades brasileiras. Essas questões sociais recentes, certamente estão conectadas com a história dessa bela profissão.

Por essa razão, as fontes aqui citadas merecem um pouco mais de atenção e pesquisa, podendo ser analisadas por muitas perspectivas teóricas revelando, cada vez mais, as exigências e as implicações de “ser médico”.

Referências bibliográficas

⁵ Sabe-se que existe diferença entre o “habitus” em Elias (1994), (1996) e em Bourdieu (2007), entretanto, ambos dão conta de explicar esse fenômeno histórico e social.



- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CERTEAU, Michel e GIARD, Luce. **A invenção do Cotidiano**: 2. Morar e Cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. **Cultura no plural**. 2.^a ed. Campinas: Papiрус, 1995.
- CHAGAS, Mario (org). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. 2.^a ed. São Paulo: UNESP, 2011.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- _____. **O processo civilizador**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- _____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- LAITANO, Genaro. **Memorial em bronze e granito aos médicos em nossa cidade**. Porto Alegre: CORAG, 2008.
- POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI**: do monumento aos valores. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- VIEIRA, Felipe Almeida. “Pelos interesses da classe”: o Sindicato Médico no Rio Grande do Sul e a regulamentação profissional (1931-1939). In: SERRES, Juliane P. et al. **História da Medicina**: instituições e práticas de saúde no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.
- WEBER, Beatriz Teixeira. Identidade e corporação médica no sul do Brasil na primeira metade do século XX. **Varia História** [online], vol. 26, n. 44, p. 421-435, 2010.

*Recebido em Julho de 2013.
Aprovado em Agosto de 2013.*